



A dádiva da salvação: analisando a passagem do tráfico para a igreja no Bairro da Penha, em Vitória – ES

Gustavo Moulin Gouvêa¹

Igor Suzano Machado²

Resumo: O presente artigo parte da teoria da dádiva, trazida às ciências sociais por Marcel Mauss e contemporaneamente reavivada pelo movimento anti-utilitarista em ciências sociais (M.A.U.S.S.), para compreender as redes de sociabilidade existentes no tráfico e nas igrejas evangélicas. Para tanto, utiliza como substrato empírico para suas conclusões as narrativas de vida pregressa como traficantes de drogas e de vida atual como sacerdotes, de pastores da Igreja Operando Deus, no Bairro da Penha, um dos bairros mais violentos de Vitória, capital do Espírito Santo.

Palavras chave: Dádiva; Tráfico; Igreja; Conversão religiosa; evangélicos.

The gift of salvation: analyzing the passage from the traffic to the church in Bairro da Penha, Vitória – ES

Abstract: *This article departs from the theory of gift, brought to the social sciences by Marcel Mauss and contemporary revived by the anti-utilitarian movement in*

1 Mestre em Ciências Sociais – UFES – googadc@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0001-6127-1873>

2 Departamento de Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFES – igorsuzano@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0003-4843-9664>

social sciences (M.A.U.S.S.), to understand the networks of sociability existing in drug traffic and evangelical churches. To do so, it uses as an empirical substrate for its conclusions the narratives of their past life as drug dealers and their current life as priests, of pastors of the Church Operando Deus, in Bairro da Penha, one of the most violent neighborhoods in Vitória, capital of Espírito Santo.

Keywords: *Gift; Traffic; Religious conversion; evangelicals.*

El don de la salvación: analizando el paso del tráfico a la iglesia en Bairro da Penha, Vitória-ES

Resumen: Este artículo parte de la teoría del don, llevada a las ciencias sociales por Marcel Mauss y revivida contemporáneamente por el movimiento anti-utilitarista en ciencias sociales (M.A.U.S.S.), para comprender las redes de sociabilidad existentes en el tráfico y en las iglesias evangélicas. Para eso, utiliza como sustrato empírico para sus conclusiones las narrativas de vidas pasadas como narcotraficantes y de la vida actual como sacerdotes, de pastores de la Iglesia Operando Deus, en Bairro da Penha, uno de los barrios más violentos de Vitória, capital de Espírito. Santo.

Palabras clave: Don; Tráfico; Conversión religiosa; Evangélicos.

Introdução

O presente artigo tem como foco a relação entre criminalidade e religião, mais especificamente em como, não obstante a importância de relações sincrônicas entre a igreja e o tráfico de drogas, a vida religiosa se apresenta como alternativa à vida no crime, tal como caracterizada pelos próprios sujeitos que vivenciam essa transformação.³ Tendo isso em vista, a intenção deste trabalho é propor uma explicação sociológica para a mudança de comportamento de ex-traficantes a partir da fé evangélica, tendo como base a interação com os símbolos de fé. A intenção é trazer a Teoria da Dádiva (ou Dom) para explicar

3 Em seus trabalhos, Vital da Cunha (2008; 2009; 2014) ilustra bem as diversas trocas e compartilhamentos que ocorrem entre “o tráfico” e “a igreja”. Não há aqui a intenção de retornar a uma perspectiva que ignora os intercâmbios entre esses dois mundos, mas apenas focar, do ponto de vista analítico, em como a ruptura entre tais mundos é construída na autopercepção dos sujeitos pesquisados. Essa dicotomia é bem relatada no trabalho de Teixeira: na sua pesquisa, ao mesmo tempo em que “bandido evangélico” aparece como uma “categoria nativa”, ele salienta que “da perspectiva do “ex-bandido” convertido ou do crente, “bandido evangélico” é algo completamente inválido” (Teixeira, 2009: 128).

como a dádiva da *salvação* é determinante para o início de uma nova história de vida por parte do ex-criminoso e como ela o empodera nessa mudança, quanto mais ele faz esta dádiva circular. A teoria será associada a um caso concreto específico: a atuação de pastores ex-trafficantes na Igreja Operando Deus, igreja evangélica localizada no Bairro da Penha, um dos bairros mais violentos da cidade de Vitória (ES).

Por meio das narrativas de vida (Bertaux, 2010) de três pastores da igreja, além do suporte de uma pesquisa sobre a circulação de dádivas no tráfico de drogas no Rio de Janeiro – cujos resultados, a nosso ver, são replicáveis à realidade capixaba estudada – iremos nos contrapor a uma análise puramente utilitarista da conversão religiosa, tratando em conjunto tanto a progressão na hierarquia da igreja quanto a prosperidade financeira e a dedicação à evangelização de outros traficantes como formas de circulação de dons e contradons que não se reduzem à escolha racional pela maximização de lucros e minimização de prejuízos, em que se baseia o utilitarismo e o paradigma da Escolha Racional da Religião.⁴

Corrêa e Vale (2017), ao analisarem a abordagem da Escolha Racional da Religião, a partir do estudo das igrejas evangélicas como empreendimentos religiosos, avaliam que esta abordagem introduz o pressuposto do comportamento maximizador do indivíduo, associado à proposição da religião como fenômeno no qual as pessoas fazem escolhas racionais. De acordo com os autores, pastores almejam conseguir recursos e mais fiéis, e seu sucesso depende de sua capacidade de atrair e gerar renda. Para obter recursos, empregam estratégias de *marketing*, convencem os fiéis de que o dinheiro vai voltar acrescido e que a prosperidade está aberta a todos. Nessa direção, moldam “produtos e serviços” às necessidades dos fiéis, lidando com especificidades do mercado e adequando mensagens, práticas e ritos às demandas e interesses do público alvo.

Ainda que não exatamente vinculado à chamada teoria da escolha racional da religião, o trabalho de Côtres também destaca que:

as igrejas, associações, organizações [e] eventos neopentecostais parecem sugerir um deslocamento das *religiões de negação do mundo* para as *religiões de acomodação do mundo*, transmutando, através desse deslocamento, os conteúdos historicamente associados à conversão. Cada vez mais, a conversão religiosa deixa de representar um *vir-a-ser* em direção a um processo de produção de transcendência de si mesmo para induzir a um *tornar-se o que*

4 Sobre o paradigma de análise da religião que tem como base a teoria da escolha racional e a construção analítica de uma espécie de “mercado da fé”, ver as revisões bibliográficas sobre o tema produzidas por Frigerio (2000) e Mariano (2008).

se é, ou seja, um processo de produção de imanência de si mesmo através do qual a tensão diferencial entre o *ser* e o *dever ser*, o *ser empírico* e o *ser realizado* esvazia-se em grande parte de sentido. Isso se dá na medida em que emerge no campo religioso um novo modelo organizacional das igrejas evangélicas, no qual a dispersão, a diversificação, a segmentação e a flexibilização se tornam os novos veículos de arregimentação de fiéis e de expansão da ofensiva missionária (Côrtes, 2012: 189)

A perspectiva em que se baseiam os trabalhos citados não é incompatível com a que adotaremos no presente estudo e mesmo pode lhe ser complementar. Não é incompatível, pois, nessa espécie de “mercado da fé” descrito nas citações, também circulam, conforme veremos, diversos tipos de dádivas. E pode lhe ser complementar pois, enquanto, no presente trabalho, focamos a experiência de ex-traficantes que se tornaram pastores, o trabalho de Correa e Vale se baseou em dados estatísticos mais amplos e o trabalho desenvolvido por Côrtes focou sujeitos que transitaram por posições mais periféricas do chamado campo religioso (Bourdieu, 2001) – ou mesmo do campo da criminalidade urbana –, já que permitiu enxergar com mais clareza a situação não de pastores, mas de “pregadores itinerantes” e mesmo de “pregadores mendicantes” que comercializam seus testemunhos de salvação (Côrtes, 2012).

Ainda assim, entendemos que o paradigma da dádiva traz ao centro do debate algumas dimensões da conversão religiosa que perspectivas como essas não nos permitem compreender inteiramente, como é o caso da própria dimensão transcendental da religião, que não se anula com a circulação mundana de bens religiosos. Mesmo o dinheiro e a prosperidade financeira, fortemente relacionados aos empreendimentos religiosos evangélicos investigados pelos autores citados anteriormente, ganham novo significado sob a lógica da dádiva, como deixa claro o trabalho de Da Silva (2008). Segundo a autora:

O dom, como veremos, repercute-se para além do útil. Sua existência, mesmo ancorada em representação divina, é formulada pelo humano a partir de sua relação com o outro. No círculo em que ele se inscreve, funda alianças sociais que tornam característica uma experiência de comunidade. O princípio de solidariedade subjacente às ações que, a seguir, refletiremos, revela que, coletivamente, todos se dispõem a colaborar com a derrota de satanás, de espíritos malignos a impedir o sucesso, a prosperidade. A dádiva, como princípio restaurador, tanto se quer quanto se imola. Deus, representação positiva, potência superior ao demônio e sempre destinada a vencer, entra

em cena como o Outro a restituir aos fiéis a possibilidade de se adequarem ao projeto maior: viver para a oferta de um precioso dom (Da Silva, 2008: 169).

Consequentemente,

O dinheiro ofertado é dinheiro transformado. Quando aludimos à representação do dinheiro como “ferramenta de Deus”, visamos demarcar que tal representação carrega um sentido fortalecido, também, pela representação do divino como referência no imaginário coletivo da expressão religiosa da Graça. O dinheiro é uma invenção humana, mas, transformado em ferramenta de Deus, parece estar, agora, especializado numa função que transcende para a direção de objeto sagrado. Assim, pode influir, segundo a instituição que lhe confere tal ordem de valor, no jogo de interesses cotidianos de todos aqueles que expressam sua fé com profundo inconformismo material. Por conseguinte, almejam bênçãos, algo necessário à sua estabilidade social (*Ibidem*: 186).

Seguindo trilha semelhante, prosseguiremos nas próximas páginas fazendo, primeiramente, uma breve explanação teórica sobre o paradigma da dádiva (1). Em seguida, iremos nos apoiar no trabalho de Grillo (2013) para compreendermos como a circulação de dádivas opera no mundo no tráfico de drogas e violência urbana (2). Posteriormente, adentraremos nos dados recolhidos pelas entrevistas feitas com os pastores Daniel, Washington e Wadlei, da igreja evangélica Operando Deus, para melhor conhecermos suas vidas pregressas no tráfico e o caminho que os levou à conversão religiosa (3). Neste ponto, faremos uma incursão sobre o tema específico da dádiva da prosperidade financeira na vida dos pastores ex-trafficantes entrevistados (4), para, em seguida, dedicarmos-nos ao tema da salvação dos “ex-bandidos” e sua consequente obrigação de evangelização de outros criminosos, em sua nova carreira de “crente”⁵ (5). Por fim, prosseguiremos às considerações finais do artigo, ressaltando, uma vez mais, a pertinência da escolha teórica adotada, tendo em vista os esclarecimentos que ela pode trazer à nossa compreensão das dinâmicas de interação entre criminalidade e religiosidade nas periferias dos grandes centros urbanos brasileiros, de que o Bairro da Penha, onde se localiza a Igreja Operando Deus, é exemplo.

5 Apesar das designações de “bandido” e “crente” serem atravessadas por diversos tipos de preconceitos, optamos por utilizá-las, já que, conforme será visto, são usadas como categorias nativas pelos próprios entrevistados. Sobre a construção social das designações do “bandido” e do “ex-bandido”, especialmente nos meios evangélicos, ver o trabalho de Teixeira (2009).

1. Uma questão de dádiva

Segundo definição do dicionário Michaelis, “dádiva” é o “ato ou efeito de dar algo, de modo espontâneo e desinteressado; dom (...) donativo, oferta, presente (...) graça natural”. O *Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* (1986), de Marcel Mauss, é o estudo de caráter etnográfico, antropológico e sociológico mais antigo e importante sobre a reciprocidade, o intercâmbio e a origem antropológica do contrato. A obra discorre acerca do modo como a troca e circulação de objetos entre os grupos constrói relacionamentos entre eles, como as doações recíprocas estabelecem relações de fortes alianças, hospitalidade, proteção e assistência mútua.

Mauss definia a vida social como “um mundo de relações simbólicas”, defendendo que é da natureza da sociedade que essa se exprima simbolicamente em seus costumes e suas instituições e que as condutas individuais “normais” são elementos a partir dos quais um sistema simbólico, que só pode ser coletivo, constrói-se. Na Teoria da Dádiva de Mauss, simbolismo e solidariedade são decisivos na construção de vínculos sociais. Como explana Tarot (2002: 161), “tendo empreendido a procura das origens do contrato e da obrigação, Marcel Mauss (...) encontrou a dádiva e seu surpreendente *double-bind*, ‘você deve dar’, tão contraditório quanto a injunção: ‘seja espontâneo’”. O dom é apresentado como um fato social dotado de características fundamentais, como a obrigação. A partir da leitura etnográfica da doutrina polinésia do *mana*, do *kula* e do *potlatch*, Mauss esclarece o sistema da dádiva que os move e cuja reconstrução é permitida por eles.

(...) a dádiva já não aparece como uma sequência descontínua de atos individuais, aleatórios ou espontâneos, reservados aos sentimentos do bom coração ou ao peso das circunstâncias, mas compreende-se como momento em um sistema em que qualquer gesto de dádiva fica preso na lei inexorável da tripla obrigação: dar, aceitar e retribuir. A dádiva impõe-se aos homens, fixa soberanamente os papéis de doador e donatário, além de criar, ao metamorfoseá-los em agentes de troca, o vínculo social. A dádiva não é uma escolha, mas uma obrigação; não é apenas um fato, mas um dever; não é apenas um gesto, mas uma estrutura que contém e organiza seus elementos. Não se trata de uma parte, mas de um todo que inclui tanto os homens, quanto coisas (Tarot, 2012: 161-162).

Na dádiva, Mauss leva em conta tanto a existência de interesse, de relações econômicas, quanto a ação por desprendimento e altruísmo, concluindo que a

construção dos vínculos sociais tem como motor uma obrigação de três vias: dar, receber e retribuir. Para o autor, *a dimensão simbólica da dádiva é central na construção do vínculo, excedendo, inclusive, a dimensão utilitária e funcional do bem*, criando verdadeiras alianças entre doador e receptor. Ele, inclusive, critica o utilitarismo, considerando-o secundário na constituição da sociedade. Na compreensão de Mauss, a dinâmica da sociedade é simbólica e ambivalente, e ela é formatada como um círculo de doações, recebimentos e devoluções de bens/signos/símbolos (gestos, risos, palavras, presentes, sacrifícios, dinheiro...) entre os homens – articulação de atores e instituições sociais em uma mesma rede – e entre estes e a natureza.

Para Martins (2005: 10), a Teoria da Dádiva conecta duas perspectivas aparentemente inconciliáveis: (1) a existência de crenças coletivas que aparecem como uma obrigação moral supra-individual, valorizando o todo mais do que as partes (já que considera a sociedade como um fato social total e a dádiva como regra moral imposta à coletividade); e (2) “a experiência direta e inter-individual [que] reorganiza o sentido e a direção do bem circulante, refazendo as estruturas e funções estabelecidas”, admitindo que os membros da sociedade possuem características peculiares que escapam à obrigação moral coletiva.

Mauss se situa, também, entre os autores que contribuíram decisivamente, no século XX, para valorizar a leitura sociológica da associação, ao avançar a perspectiva de um espaço de interação baseado no risco e na liberdade dos indivíduos se relacionarem, mesmo sabendo-se que essas relações não acontecem em total liberdade, mas dentro de certos parâmetros morais definidos coletivamente. Esta valorização sociológica do princípio da associação é um requisito central para se pensar as bases de um novo paradigma nas ciências sociais que supere o que Godbout e Caillé definem como os dois paradigmas que foram centrais na modernidade ocidental: o do interesse que funda a lógica utilitarista mercantil e o da obrigação que inspirou a lógica burocrático-autoritária no século XX (*ibidem*: 12).

Martins (*Ibidem*: 29) registra que, embora o sistema da dádiva seja mais nítido nas relações interpessoais – família, amigos, vizinhos –, também se faz presente em todos os planos da vida social, mesmo nas sociabilidades secundárias, ou seja, nas relações funcionais (aparelhos políticos, econômicos e científicos) mediante uma expectativa de reciprocidade, de “confiança implícita a respeito da continuidade da relação que é alimentada subjetivamente pelas pessoas envolvidas”. É fundamental observar como o sistema da dádiva influi na

construção das práticas que suportam o funcionamento das instituições sociais, já que a confiança é um dos primeiros bens a validar a relação social. Sem a confiança, mercado, Estado, política, religião, ciência etc. não funcionariam. Na Teoria da Dádiva, portanto, os vínculos sociais consideram a coexistência de diferentes lógicas na organização social (interesse, espontaneidade, obrigação, bens...), mas são baseados na tríplice obrigação de dar, receber e retribuir. De acordo com Costa (2005: 37):

Basta considerar a obrigação “moral” da retribuição de favores, convites, elogios, presentes e gentilezas que são recebidas, bem como, no sentido negativo, o ciclo empreendido pela vingança e acertos de contas entre grupos rivais para ser constatada primariamente, a presença das dádivas em circulação; (...) A Teoria da Dádiva não fantasia a realidade social ao supor que o interesse, o cálculo e o egoísmo não existem. A Dádiva não só reconhece a existência desses aspectos, mas admite-os como integrantes de uma única realidade social. A sociedade é um fato social total e qualquer tentativa de exclusão de suas lógicas de funcionamento, resulta na mutilação dessa mesma realidade”.

Com base no exposto, a Teoria da Dádiva será usada para explicar os mecanismos que compõem o processo de conversão de um criminoso – como o eram os membros da Igreja Operando Deus, elencados para o presente trabalho – para a religião evangélica pentecostal, levando em conta as peculiaridades de suas trajetórias de vida. A nossa proposta é analisar tanto as dádivas circulantes no mundo da criminalidade em que viviam antes da conversão quanto as dádivas que começaram a circular a partir do momento da conversão, que os consolida na vida religiosa e que, inclusive, são condição de existência da Igreja Operando Deus, de suas funções e estrutura.

2. A circulação de dádivas no tráfico carioca

Em sua tese “Coisas da Vida no Crime: Tráfico e roubo em favelas cariocas”, Grillo (2013) destaca a forma social pela qual o tráfico de drogas é conhecido no Rio de Janeiro, a *facção*, e como bandidos, que sequer se conheciam anteriormente, são colocados em relação para juntos arriscarem suas vidas em uma missão, na qual nenhum deles é sequer pago para realizar. Isso se daria pela *consideração*.

O pote de ouro que lhes aguardava ao final do arco-íris não seria uma farta recompensa em dinheiro e nem mesmo a felicidade da libertação de um amigo. Ganhariam com isso apenas *consideração*. Trata-se de uma espécie

de prestígio, calculado pela estima alheia e, principalmente, a estima por parte dos traficantes mais poderosos e influentes, como os donos de morro e os seus principais gerentes (Grillo, 2013: 59).

Segundo a autora, ser escalado para participar de missões consiste no reconhecimento das habilidades guerreiras e de bravura dos criminosos e uma boa oportunidade para que eles publicamente demonstrem sua disposição (conjunção entre valentia e impiedade, considerada parte da essência do criminoso), ganhando fama e reputação nos morros comandados pela *facção*.

O “bandido” não é tão famoso pela sua disposição tanto quanto o é pela sua periculosidade ao se tornar um inimigo público, alguém que deva ser morto a qualquer custo. A *consideração* de um bandido aumenta quanto mais procurado e odiado (pela polícia, por membros de facções rivais, por membros da “sociedade civil”) ele é, quanto maior é seu valor como troféu de caça, e não como pessoa.

As dinâmicas do tráfico são geridas localmente e a organização dessas atividades comerciais é chamada de *firma* em alusão ao seu aspecto empresarial. A *firma* simula o modelo organizacional de uma empresa capitalista tomando de empréstimo a coordenação burocrática da hierarquia patrão/funcionários (usam-se termos como patrão, gerente, funcionário, plantão, equipe, carga, responsabilidade, anotações, contas e pagamento). Mas há muito mais em jogo do que drogas sendo comercializadas. Há circulação de armas, corpos, vidas, territórios e outros.

É por meio da distribuição de dádivas que os chefes do tráfico se fortalecem como *patrões*. Pelo acúmulo de riquezas e poder através das armas, eles atuam no velho estilo da patronagem brasileira tornando empregados e vizinhos dependentes das benesses por eles distribuídas segundo seus caprichos e interesses (Zaluar *apud* Grillo, 2013). A produção, reprodução e replicação das relações sociais se dá também pela composição de alianças políticas seladas pela troca de dádivas de naturezas diversas, a fim de se estabelecer a paz mínima necessária ao desenvolvimento do comércio de drogas.

Diante da constatação de que o dom é capaz de estabelecer alianças que permitem a passagem da guerra à paz ou da desconfiança à confiança, Grillo analisou como as três obrigações da dádiva – dar, receber e retribuir – fundam relações de reciprocidade e poder fundamentais para a configuração das dinâmicas do tráfico. Apesar de voluntário e aparentemente livre e gratuito, o dom é coercitivo e interessado e quem receber deve retribuí-lo. “Ao se doar, cria-se uma dupla relação de solidariedade e superioridade, instituindo-se a desigualdade entre doador e receptor, até que a dívida seja quitada por um contradom”

(*Ibidem*: 69). Existe o interesse em construir relações de poder por trás do formalismo, criando-se um campo de manobras e estratégias possíveis servindo uma gama de interesses opostos, podendo ser ao mesmo tempo ou sucessivamente um ato de generosidade ou de violência, mas de uma violência disfarçada em um gesto desinteressado, “pois ela se exerce pelo meio e sob a forma de uma partilha” (Goldelier *apud* Grillo, 2013: 70).

No interior da *firma*, portanto, as trocas promovem contratos políticos que viabilizam a produção e reprodução da formação hierárquica gerando alianças e dominação. Segundo Grillo, os *donos do morro*, os legítimos *patrões* ou *chefes do tráfico* – que normalmente estão presos ou fora de suas favelas – nomeiam um responsável para controlar o funcionamento das *bocas de fumo* em determinada área e assumir o poder sobre a resolução das disputas locais. O responsável, também chamado *frente do morro* ou *gerente geral* presta contas ao *patrão*, enviando a parte combinada do lucro da venda de drogas. Abaixo das lideranças, há a seguinte hierarquia:

A estrutura dos grupos locais do varejo de drogas foi sempre baseada no sistema de consignação de vendas, a partir do “dono” ou “gerente geral”. A mercadoria é adiantada para os subgerentes e o processo continua até os vendedores diretos, os “vapores”. O movimento de retorno do pagamento é baseado na noção de “dívida” e deve ser feito, impreterivelmente, dentro de um prazo mínimo. O não-pagamento é interpretado como “banho” (logro, furto ou falha) e o devedor, na primeira reincidência, é morto num ritual público de crueldade. O sistema de consignação articula-se, assim, a uma hierarquia mortal de “credor/devedor” (Misse *apud* Grillo, 2013: 71).

Apesar da centralidade da violência como garantia dos pagamentos, sendo o sistema de circulação de drogas subordinado a uma “economia da força” dentro da hierarquia, o emprego da violência está na maioria do tempo latente e não manifesto, constituindo a exceção. A regra é a condição das rotinas normais do tráfico, sobre as práticas que a viabilizam positivamente. Grillo pensa a *firma* como um sistema de distribuição de propriedades e responsabilidades. A favela, as *bocas*, os *preços*, as *cargas* de cada droga, tudo isso pertence a um dono e são administradas pelo *responsável* ou *gerente*. O *dono* distribui diferentes responsabilidades entre bandidos *considerados*, que passam a compartilhar dos lucros das *bocas* e *preços* que eles forem designados a *olhar*, ou seja, a gerir.

O ato de dar a um bandido uma *responso* – como são chamadas essas responsabilidades – consiste em uma dádiva: uma concessão voluntária e

aparentemente gratuita dos direitos de exploração comercial de áreas, pontos comerciais ou cargas de drogas vendidas a um determinado preço. Esta concessão é interpretada como a atitude de *deixar forte* ou *dar uma condição*, ou seja, de oferecer a alguém uma possibilidade de enriquecimento e ascensão hierárquica. Este dom expressa o apreço e *consideração* que o *patrão* nutre com relação aos seus funcionários, elevando-os a uma posição mais próxima à de sócio. Uma mesma pessoa pode ser presenteada com mais de uma *responso*, ganhando, por exemplo, a gerência de um morro inteiro e de uma *boca* em outra favela, ou de mais de um *preço* em uma mesma *boca* (Grillo, 2013: 72).

Grillo (2013: 74) ressalta que, ao deixar alguém *forte* por meio da concessão de uma *responso*, o *dono* abre mão de uma parte considerável do lucro que lhe é de direito, mas ganha a fidelidade incondicional do seu funcionário/apadrinhado. Ele fortalece os laços de reciprocidade com bandidos influentes na comunidade onde quer manter a legitimidade do seu poder, mas, ao mesmo tempo demarca sua distância e superioridade com relação aos mesmos. Uma *condição* (privilegio/oportunidade de enriquecimento) desse tipo é o sonho de todo jovem bandido que entra para a *boca*, esperando pelo dia em que serão reconhecidos pelo seu empenho na *firma*, sendo presenteados com um *cargo*, podendo “ficar de *patrão*”. Segundo a autora, “os bandidos contemplados por este dom encontram-se permanentemente endividados com relação ao seu *chefe*, prestando-lhe, em contrapartida, seus corpos e sua *disposição* para qualquer tarefa ou missão que lhes for solicitada”.

Sempre que escalados para empreitadas perigosas, eles obrigatoriamente aceitam porque devem retribuir a *condição* que seu patrão já lhes ofereceu ou porque almejam ser retribuídos futuramente com uma *condição* que ainda não têm. Quando os donos de morro estão presos ou residem fora do morro, sobra para o *frente* a incumbência de distribuir as responsabilidades entre os demais bandidos. Ele “deixa *forte*” os bandidos que somam “várias lutas pelo crime”, avaliando o capital simbólico⁶ dos funcionários da *boca* (seu grau de *consideração*), conferindo-lhes um *cargo*, o que lhes remete a uma *responso*.

6 Fazemos uso aqui do conceito de Bourdieu, que designa uma espécie de prestígio social que indivíduos acumulam e investem para galgar posições dentro de um campo social específico que valoriza aquelas características convertidas nesse capital. Por exemplo, no microcosmo social do campo religioso, um acúmulo desse capital simbólico por meio de conhecimento religioso, serviços prestados à igreja etc. permite ao religioso acesso a posições melhores no campo, passando de diácono a pastor, de padre a bispo etc. O mesmo pode ser dito para a “consideração” como capital simbólico dentro do campo criminoso analisado.

Os critérios que medem a *consideração* de um bandido costumam ser: a antiguidade de seu pertencimento à *boca*; o acúmulo de experiências emblemáticas da *vida no Crime* (aprisionamento, tiroteios, participação em missões, etc.); a adequação de sua *caminhada* à moralidade do *Crime*; sua popularidade entre bandidos e moradores; e a *disposição* que possui para matar ou colocar a própria vida em risco. Todas essas diferentes qualidades e estoques de experiência, a que voltarei mais adiante, convergem para compor o que se entende por *consideração* e determinam quem merece ser presenteado com uma *resposta* (*Ibidem*: 75).

Por isso, a *consideração* é o capital simbólico mais importante que se pode acumular no crime. Além de ser possível conquistar a *consideração* mediante as lutas pelo crime, anos de encarceramento, trajetória criminal sem *mancadas*, estando sempre “do lado certo da vida errada”, esse capital também é adquirido conquistando o apreço de lideranças do tráfico no trato pessoal. Apesar da *consideração* ser, teoricamente, fruto da equação entre disposição e o proceder de um bandido ao longo dos anos, a hierarquia empresarial do tráfico incide sobre a distribuição desigual do prestígio, redirecionando os seus fluxos. “Bandidos que “param do lado” de seus patrões e lhes “rendem homenagem” podem ganhar cargos de gerência no tráfico e tornar-se “considerados”, a despeito de sua pouca luta” (*Ibidem*: 129).

3. Vida pregressa no tráfico e nova carreira na Igreja Operando Deus

Dinâmica semelhante à descrita no tópico anterior se observa no tráfico do Bairro da Penha, em Vitória, e as entrevistas feitas ressaltam esse caráter, de forma que o que foi apresentado anteriormente com o trabalho de Grillo se aplica ao objeto deste estudo. O pastor Daniel descreve que começou na carreira do tráfico como *escolta*, função responsável por vigiar e avisar sobre a possível chegada da polícia, através de rádio-comunicadores, fogos ou outro tipo de sinal.⁷ Por essa função também passou o pastor Wadlei, quando iniciou um comprometimento com a vida do crime. Já o pastor Washington começou em uma função que ele denomina como *mandado* – cujo papel é levar e trazer recados ao traficante responsável pelo morro. Antes de traficar, alguns deles tiveram envolvimento com roubos e furtos.

Fiquei uns oito meses ali na *escolta*. *Escolta* é aquele camarada que vigia, que fica vigiando. E quando a polícia vem, tem que avisar antes. Então fiquei

7 Esta função sofre variação de nome e também pode ser chamada de *fogueteiro*.

ali mais ou menos uns oito meses. Fui indo, fiquei... Só que trabalhava de uma maneira diferenciada, porque eu trabalhava pelo dinheiro, não trabalhava pela droga. (...) Eu ganhava o equivalente a um dia de pedreiro, eu ganhava 50 reais na época. Isso era muito dinheiro (pastor Daniel, 2018). Eu comecei a cometer pequenos furtos, a roubar, a assaltar a entrar na vida do crime. Com 16 anos eu já estava portando uma arma, assaltando, entrando dentro de supermercado, botando todo mundo no chão, entrando (...) dentro das empresas e botando todo mundo dentro do banheiro e cometendo meu primeiro delito. E ali me deram uma oferta. O diabo me ofertou o tráfico de drogas. E eu comecei a fazer favor. Porque quando você entra na vida do crime a primeira coisa que você tem que fazer é *mandado* dos outros. É como se fosse o *aviãozinho*⁸, você vai lá e dá o recado, você vai lá e leva, você vai lá e vai levar o recado ao traficante. (...) Eu comecei a esconder drogas, a guardar as armas. Ali eu estava apenas começando (pastor Washington, 2017).

Para crescer na carreira do tráfico, é preciso ganhar o que na linguagem do Bairro da Penha é chamado de *conceito*, popularmente o que chamamos de *moral*. De acordo com a tese de Grillo, os traficantes cariocas chamam de *consideração*. Essa estima é o que credenciou o pastor Washington, então conhecido como “Brown” no mundo do crime, a crescer na hierarquia e chegar a ser *gerente geral* do morro. Um fato interessante é que todos os entrevistados reconheciam o *conceito* que o pastor Washington tinha no morro, e essa fama se dava não só pelo alto cargo que chegou a ocupar na hierarquia do tráfico, mas pela sua “periculosidade”: o quanto era desejado pela polícia e a disposição que tinha para realizar roubos e outros delitos, como homicídio.

E quando você ganha moral no crime, você ganha *conceito*. Eles começam a te olhar de uma forma diferente, o menino tem *conceito*, o menino é gente boa, vamos promover ele. Você sabia que lá no tráfico as pessoas também é promovida? (...) Comecei então a traficar, comecei a ir para a boca de fumo e a traficar. Comecei a vender a cocaína, a vender a maconha, a pedra, a traficar e a cada dia que eu traficava, mais eu gostava porque o dinheiro vinha fácil. (...) E agora já não traficava mais, já gerenciava o tráfico. Aquele menino já gerenciava. Eu não ficava mais sentado no “beco” vendendo drogas,

8 O “aviãozinho” é a função na qual a pessoa leva a droga a um comprador e volta com o dinheiro para o traficante responsável pela droga. A diferença entre o “aviãozinho” e o “mandado”, citado pelo pastor Washington, é que este último, ao invés de levar drogas, leva somente a informação e realiza determinados favores para o traficante.

agora eu tinha muitas vezes que andar pelo menos uma vez no morro para saber como estava as vendas. Era o gerente da droga. Comecei a comandar, a dar ordens, a impor (pastor Washington, 2017).

Nas narrativas de vida dos pastores entrevistados, nota-se o empenho e a lealdade deles às causas da Igreja, que os permitiu estar nas posições de evangelistas, presbíteros e pastores. Ao perceber que uma pessoa que veio do mesmo meio criminal consegue mudar de vida trilhando o caminho religioso e que ainda é possível se utilizar de diversas qualidades que usava como traficante para alavancar essa nova vida – como é a questão da disposição, da sagacidade, da persuasão, da gerência e outras – esse ex-criminoso sente capaz e estimulado a se empenhar pelo bem da comunidade eclesial, ressignificando suas qualidades para o novo grupo social.

Os ex-traficantes gastaram muito tempo e energia em disciplinas como jejum, oração, estudo e leitura da *Palavra*, além de terem participado de diversos cursos, seminários e encontros promovidos pela Igreja Operando Deus até que chegassem no patamar no qual se encontram. E continuam participando intensamente das atividades, já que essa é a proposta da Igreja para todos os membros; aqueles de posição hierárquica maior, que detêm responsabilidades maiores, ainda têm o fardo de terem de ser exemplo para os outros. Afinal, na teoria, o *salvo* será crente até a sua morte e o seu caráter, sua identidade, nunca estará acabada aqui neste plano. As *orações*, os *jejuns*, o estudo e a leitura da *Palavra* jamais cessarão nesta vida; as *provas* continuarão a acontecer – afinal, elas são provas de que a pessoa é de fato *crente* e os *sacrifícios* vão continuar. Na Igreja Operando Deus, objeto de estudo deste artigo, esse desenvolvimento da identidade do fiel pode significar cargos de liderança – que exigem determinadas habilidades específicas, dependendo do cargo – ou mesmo uma grande influência entre os *irmãos*, ainda que em um cargo não tão notório.

Neste ponto, não há como não notar, em meio a disparidades radicais, também semelhanças nas trajetórias que compõem a “carreira” do traficante e do crente “ex-bandido”. Utilizamos o termo “carreira” (Darmon, 2008) para definir essas duas vidas, já que se trata de dois “tempos sociais” distintos, que envolveram compromisso/comprometimento, trabalho/serviço, ocupações/posições hierárquicas, processos de maturidade para o crescimento nos “empreendimentos”, tutoria, restrições sucessivas impostas pelos cargos/posições, militância para o aumento/consolidação da área de influência dos “empreendimentos” etc. nos moldes de trabalho em empresas, no caso, a empresa do tráfico e a da fé. Há ainda uma peculiaridade nos símbolos, interpretações, discursos, categorias e

significados em cada uma das carreiras que definem a identidade do “bandido” e a do “crente”.⁹ Ainda assim, da mesma forma que, na vida criminosa, o “conceito” permitia a ascensão do novo traficante nas hierarquias do tráfico, a dedicação à causa religiosa permite a ascensão do novo convertido na igreja. O depoimento do próprio pastor Daniel, da Igreja Operando Deus, deixa isso claro:

E tráfico de droga é aquilo, quanto mais coisas erradas você vai fazendo, desde que se atue na lei do tráfico (igual existe a lei de Deus, você quer crescer, você obedece a Palavra, a lei do tráfico, você quer crescer, obedece as leis do tráfico). Ali foi indo, o trabalho crescendo, desenvolvendo ali dentro, ganhando respeito, moral, fazendo tudo certinho, executando o que tinha que executar. E ali a gente foi desenvolvendo, criando um nome na favela. (...) Eu já cheguei a gerenciar uma droga, num prazo bem curto de tempo. Aquilo é exercer um papel de *gerente* do tráfico de droga, num prazo muito curto de tempo. Já fiz isso (pastor Daniel, 2018).

Nos tópicos seguintes, mergulharemos mais fundo na explicação de como essas duas trajetórias, no crime e na igreja, respondem a uma lógica comum, traduzida pela ideia da dádiva e sua lei da tripla obrigação: dar, receber e retribuir (Mauss, 1986). O que muitas vezes é explicado por uma espécie de escolha racional de tipo utilitarista passa, assim, a ser traduzida na linguagem da circulação de dons e contradons que explicam não apenas a dimensão de ganhos materiais, que poderia facilmente induzir ao erro de compreender a entrada, tanto no tráfico, quanto na igreja, como reduzidas à prosperidade financeira, mas também a “disposição” em expandir tanto a firma do tráfico, quanto o empreendimento religioso, mesmo em condições que poderiam parecer irracionais. Para tanto, mergulharemos mais fundo na atuação de pastores ex-traficantes na Igreja Operando Deus. Se, no presente tópico e no anterior, o foco se deu sobre a circulação de dádivas e ganhos materiais no tráfico, os próximos tópicos irão se debruçar sobre como isso ocorre na igreja, primeiramente quanto aos ganhos materiais, mas, depois, trazendo à tona também as obrigações de evangelização não tão facilmente explicáveis pela lógica utilitarista contra a qual a teoria da dádiva se levanta.

9 Mais uma vez, ainda que o foco do estudo repouse sobre a ruptura entre as duas carreiras, entendemos que não se pode ignorar a dimensão de continuidade que se revela no uso da carreira pregressa durante a carreira do convertido, em que tem destaque a figura do “ex-alguma coisa”, que continua a acompanhar o sujeito em sua nova carreira, como no caso de um “pastor ex-traficante”. O uso das carreiras anteriores ao mesmo tempo desprezadas, mas mobilizadas como parte integrante e central da nova carreira religiosa é bem explicitado nos trabalhos de Côrtes (2012) e Corrêa (2015).

4. A dádiva da salvação e a prosperidade na Igreja

Para os entrevistados, o tema da prosperidade, tão comumente associado a igrejas evangélicas, também é uma questão atrelada ao que aqui consideraremos a dádiva da *salvação*. A *salvação* se encaixa em todos os requisitos do que seria a dádiva de Mauss. Ela é um bem simbólico circulante que leva em conta tanto a existência do interesse quanto as ações por desprendimento e altruísmo, construindo vínculos sociais com a tripla obrigação de dar, receber e retribuir, vínculos esses que são verdadeiras alianças entre doador e receptor, formatando um círculo de doações, recebimentos e devoluções. É uma espécie de “dádiva vertical”, porque é considerada como um “dom que vem de Deus” (Efésios 2.8), um bem abstrato/simbólico que não poderia ser produzido pelo próprio ser humano, ainda que, como veremos, o ser humano a faça de alguma forma circular.

Essa dádiva explica que existe uma lógica espiritual ligada à prosperidade do *salvo*. Segundo o pastor Daniel, tudo começa com o fato de que o dinheiro, que era o “senhor” do então traficante, passa agora a ser um “servo” do crente convertido para a realização da *obra* e da *vontade de Deus*. Logo, o desprendimento, ou a “libertação” de “Mamom” (considerado o “deus do dinheiro”), que antes era senhor das vidas, é o caminho para começar a obedecer aos propósitos que Deus tem relacionados ao dinheiro e à área financeira da vida do crente da Igreja Operando Deus. Essa *libertação financeira* é um sinal de submissão e obediência a Deus e mesmo de conversão.

Entrevistador: O cara que se converteu, fez tudo certinho... Se ele não der o dízimo, isso é um sinal de não conversão?

Pastor Daniel: A Bíblia diz que não tem como você adorar a dois senhores, não tem como você adorar a Deus e a Mamom. Quem é Mamom? O deus do dinheiro. Então o camarada tava no tráfico. Então ele tinha que pagar as leis do tráfico, que era a parte do *dono* [do morro], da *resposta*. E ficar com o lucro dele, não podia ganhar nada mais. (...) O camarada se converteu. Ele foi pro tráfico por causa de que? Ele gosta de tomar tiro de polícia, ele gosta de ir preso? Ele foi pro tráfico por causa de dinheiro. (...) Dízimo não se dá, dízimo se devolve. Na Palavra de Deus se aprende isso. Se o camarada não consegue devolver o dízimo, ele tá preso em alguma coisa, ele tá preso no dinheiro. Se ele tá preso no dinheiro ele tá preso em qual senhor? Mamom, que é o deus do dinheiro. (...) Quando a pessoa vem dizimar, ela está dizendo o que: esse não é o meu deus, então eu entrego ele no altar. (...) Os homens consideram Mamom um deus, dão a própria vida por ele. (...) “Eu entrego a minha vida, mas meu carro e minha casa, não”. As pessoas

elas são apegadas nisso. (...) A gente tá aqui [na sede da Igreja Operando Deus], tem uma internet ligada aqui de 50 mega. Eu tenho que pagar. Tem uma luz ligada aqui, então eu tenho que pagar. Uma água geladinha, tenho que pagar. (...) existe um Reino do céu na Terra. Esse reino para ele andar na terra, que se move por coisas físicas, tem que ser movido com dinheiro físico. Então esse camarada ele tem que reconhecer que ele não manda mais nele, que ele é um servo de Deus, que “servo” no grego significa “escravo voluntário”... ele tem que reconhecer e se submeter àquilo. (...) Então uma das demonstrações de conversão é ele reconhecendo não que 10% é de Deus, mas tudo o que ele tem é de Deus, e ele devolve 10% porque o Senhor pediu pra ele devolver os 10%. Não só os 10%, mas como também oferta, primícias... Então tem tudo isso. Mas o dízimo é a décima parte. Quando ele tá pegando aquela décima parte e está ofertando, é um dos sinais, de que ele está obedecendo a Palavra.

A partir da *obediência financeira* na devolução dos *dízimos*, das *ofertas* e das *primícias*, abre-se caminho para a dádiva da prosperidade: o fiel *dá* o dinheiro, a igreja *recebe* e Deus *retribui*. É recorrente nos cultos ouvir de um fiel um testemunho de *bênção financeira* a partir da obediência nessa área. Igualmente, é normal o pastor desafiar a congregação a investir em determinada empreitada da Igreja Operando Deus e também fazer *revelações* na área financeira. Alguns exemplos que aconteceram nos cultos observados foram: o pastor Daniel desafiando os membros a pagarem quatro boletos de conta de luz da “Casa do Oleiro” (a casa de recuperação para dependentes químicos da Igreja) que estavam vencidos e a luz estava prestes a ser cortada, assegurando que essa atitude traria retornos espirituais e financeiros; o pastor Daniel profetizando um carro na vida do então presbítero Wadlei; os pastores encorajando a congregação a investir em uma nova filial da igreja para 300 membros na periferia de Cariacica,¹⁰ e que isso traria retornos espirituais e financeiros. O que não é *dízimo* e nem *primícias*, cujo entendimento da Igreja Operando Deus é de que são mandamentos, ou seja, que são apenas devolvidos, é tratado como oferta. E a oferta entra na lógica da *lei da sementeira*: semear para colher. Mais uma vez, o fiel *dá* o dinheiro, a igreja *recebe* e Deus *retribui*. Vale salientar que o conceito de *prosperidade financeira*, segundo o pastor Wadlei, é “ter para poder ajudar os outros”. O pastor conta casos em que a sua *fidelidade financeira*, ou mesmo um gesto de generosidade, foi retribuído.

10 Município vizinho da capital Vitória, que faz parte da região metropolitana da Grande Vitória.

Entrevistador: Existe uma lógica espiritual da prosperidade financeira?

Pastor Wadlei: Sim. Fidelidade para com Deus. Temos que ser fiel a Deus. A Bíblia diz que devemos honrar o Senhor com nossos dízimos e nossas ofertas. Então quando nós honramos ao Senhor as janelas do céu se abrem. Quem abre as janelas do céu? Deus. Mas janela você consegue abrir pelo lado de fora? Quem abre a janela é quem tá por dentro. Quem tá por dentro é Deus. Ele é o dono do ouro e da prata. Somente Ele. Só Ele. Igual... hoje na presença de Deus você não tem o que você tinha no mundo, você sabe disso. Então isso é realidade. Eu vejo pessoas que hoje poderiam estar muito bem estruturadas, mas pela infidelidade dele para com Deus, eles não conseguem adquirir. E o primeiro de tudo é a *primícia*. *Primícia* é o primeiro. Antes de você tirar o *dízimo* você tem que tirar sua *primícias*. (...) É um dia de trabalho seu, aí você vai lá e *primicia*, você honra. Honra o sacerdote com suas *primícias*. E vai pro sacerdote (pastor principal). Porque o sacerdote é um homem que tá cuidando de você, tá orando por você, tá pagando um preço por você, tá jejuando... Então o sacerdote precisa de locomover pra vir pra sua casa, pra fazer uma oração... (...) Rapaz, quer ver uma coisa que dá certo? Vou te contar uma coisa que eu fiz prova, Deus ele me mostrou. (...) Eu tava um dia no supermercado e falei assim: “eu vou comprar um sorvete pro pastor”. Aí o *Espírito Santo de Deus* falou assim: “não, você vai comprar esse sorvete para o filho do pastor”. Aí eu falei: “eu vou dar pra pastora”. E Ele falou assim: “não, você vai comprar é para o filho do pastor”. Eu falei: “amém”. (...) Aí eu peguei e comprei o sorvete, cheguei lá e dei pra os filhos do pastor. Rapaz... eles adoraram, eles amaram aquilo. Amaram aquilo. E fiquei com aquilo aí pensei “que bênção”. Aí precisava mexer no quarto da minha filha, né, comprar o porcelanato pro quarto da minha filha aqui embaixo. E pra comprar o porcelanato ia ficar mais ou menos uns R\$ 400. Fora o porcelanato, só a mão de obra. Aí veio um irmão lá de Flexal¹¹ e foi e colocou porcelanato. E aí não me falou preço e nem nada. Aí eu pensei naquilo: “gente, como eu vou fazer?”. Aí pensa que não, rapaz, quando terminou o serviço, eu falei: “quanto que é?”, ele falou: “nada não”. “Eu tô presenteando a sua filha”. Ganhei muito mais do que um sorvete *varão*, muito mais do que um sorvete. É uma lógica espiritual.

Ele ainda contou mais casos, como no dia em que não tinha dinheiro para *primiciar* o pastor e realizou serviços para ele, e no dia em que nem precisou pagar por um serviço em sua moto.

11 Bairro de Cariacica, na região metropolitana da Grande Vitória.

Meu pastor, ele tava muito atarefado e eu sem vender nada. Já tinha dois dias sem vender nada, com umas contas pra pagar, eu precisava pagar R\$ 2.300 de dívida. Os boletos vindo já, vencendo, porque eu compro parcelado as minhas compras, no cheque ou no boleto. (...) Um belo dia eu falei “pastor, eu vou te *primiciar* um dia”. “O que o senhor quer que eu faça?”. Ele falou assim: “eu quero que você faça um varal lá em cima pra mim”. Eu fui lá e fiz um varal. Depois ele virou e falou assim: “tem como você levar a minha esposa lá no Shopping”, esqueci o nome... Moxuara. Fui lá, peguei e levei ela, ela trocou o sapatinho do filho dela e tal, demorou mais ou menos umas três horas pra fazer isso tudo. Quando eu encostei na porta da casa dela, quando ela saiu, meu telefone tocou desembolado. Eu fiz R\$ 1.250 naquele dia. R\$ 1.250! O dia todo sem uma ligação, rapaz. Ali foi o agir de Deus naquela hora, rapaz. Eu fui e paguei o boleto. Deus nunca deixou faltar. (...) Outro fato que aconteceu, de eu ser uma pessoa abençoadora, foi a moto, que minha moto estragou, eu precisava consertar ela. E eu falei assim: “rapaz, esse mês foi fraco pra mim, só deu pra mim pagar as contas de energia, conta de água, deu pra mim pagar cartão de crédito, então eu tenho o dinheiro só pra pagar o boleto bancário e pra fazer compra pra dentro de casa. E como eu vou fazer pra pagar essa moto? Eu vou lá pra pegar essa moto. Eu vou dar o cheque, vou dividir no cheque”. Quando eu cheguei lá pra pegar a moto eu perguntei ao dono do estabelecimento “quanto é o valor?”. Ela falou assim: “toma a chave, pode ir embora, que Deus te acompanhe”. R\$ 750 o valor. E eu não paguei nem um real (pastor Wadlei, 2019).

Percebe-se que a distribuição de dádivas, sejam elas em forma de dinheiro, serviço, profecia ou oração entre os membros da Igreja Operando Deus, é praxe, somente possível pela dádiva superior da *salvação*, que propicia a *libertação financeira*, o *amor ao próximo* (também em forma de serviço), o *semear para colher* e também o uso dos dons, como o de profecia. Isso mostra também a dimensão das alianças criadas entre os correligionários, que são, antes de tudo, aliança e compromisso *vertical*, com Deus, que são materializados horizontalmente, na vida de seus irmãos na fé, na sua família da fé, que é a Igreja Operando Deus.

5. A *salvação* dos traficantes e a sua reprodução na obrigação de evangelização

E eu fui pra esse assalto, fiz uma promessa com o Diabo. Eu falei assim pro Diabo: “Se eu não voltar com o que eu quero, eu quero que da minha boca

e do meu nariz jorre sangue”. E quando desci pro assalto, o cerco se fechou. Houve uma troca de tiros, eu tentei correr e o Diabo na minha mente falando assim: “você vai morrer mesmo? Mata, leva um também”. E a pessoa numa distância de cinco metros me atirando e ao invés de correr, eu ia pra frente dando tiro, o tiro pegando em mim e o Diabo falando: “é hoje que eu te levo, a sua alma”. Eu todo furado e quando vi que só tinha uma bala no tambor e comecei a correr, correr muito. Era o final da minha vida. (...) eu botava o dedo embaixo tinha um buraco, mas quando tampava aqui saía aqui. Eu estava todo furado. (...) E quando fui ver a minha boca começou a sangrar, o meu nariz começou a jorrar. Eu lembrei do que eu falei com o Diabo, eu amaldiçoei a minha própria vida. (...) Eu implorava assim: “Deus não deixa eu morrer”. (...) Quando eu estava lá peguei a minha arma, olhei pra ela, coloquei de lado, e falei assim: “Deus me dá uma última chance, a última oportunidade pra viver”. Eu via que eu estava morrendo, ali caído, mas dentro de mim falou algo mais forte: “Jesus”. Eu comecei a falar assim: “Deus, se o Senhor me der a última oportunidade hoje, e não me deixar morrer, a partir de hoje eu vou aceitar ao Senhor, e vou pregar a Tua *Palavra*, aonde eu botar a planta do pé eu vou falar do Teu Nome”. (...) Aquele cara que outra hora era um traficante, que pra sociedade não valia mais nada, quando eu falei aquilo mudou tudo. Eu troquei a arma pela *Palavra*, troquei a metralhadora, a doze, o fuzil, o 38, pela *Palavra de Deus*, que ela vai e não erra o alvo, é certa, é pra dar vida! (...) Os policiais me acharam. Olhou pra mim e disse: “há quantos anos eu tô atrás dele. Vamos matar ele logo, vamos acabar com ele aqui”. Mas eles não sabiam que eu tinha aceitado a Jesus. Quando eles pegaram a minha cabeça e começaram a bater na escada falando ‘morre desgraçado, morre’. Eu falei “Senhor, a minha vida está nas tuas mãos”. Formou uma rodinha de policiais, pisando na minha cabeça, dizendo: ‘morre’. Depois chegou aquele monte de pessoas curiosas falando: ‘morreu’. A notícia chegou lá na minha família: “ele morreu”. Minha mãe começou a chorar, meu pai começou a chorar. Minha família entrou em pranto, pensando que eu tinha morrido. A minha família estava sem esperança. (...) Quando os policiais estavam olhando chegou uma viatura, naquela época era o Santana. Olhou pra mim rapidamente, “abre o caminho, pega ele”, pegou eu, botou dentro do carro. Eu vi os anjos chegando ali já e falei assim: “Deus...”. (...) Me levaram dali para o hospital São Lucas. “Eu falava: Deus eu vou morrer”. Mas algo dentro de mim falava: “você não vai morrer mais, porque você me aceitou. Eu vou mudar a sua vida!”. (...) Cheguei na porta do hospital tinha uma enfermeira que era crente. Enquanto os policiais me

pegavam, me jogaram de qualquer maneira, ela gritou bem alto e disse: Ei! Não toca nele, porque ele também é ser humano! Ela me abraçou e me levou para dentro. Deus colocou seus servos ao meu lado para me ajudar. (...) O batimento cardíaco só ia descendo. 90, 80, 70... O médico olhou em volta assim: “acabou”. (...) Eu lembro que o médico botou a máscara em mim... eu apaguei. (...) No outro dia acordei e estava todo costurado: 30 pontos na barriga. (...) Comecei a me recuperar. Quando estava no corredor do hospital, eu vi um médico, olhou pra mim e disse “Washington” (ele falou outro nome porque eu tinha até nome falso...). “Eu fiz três cirurgias”. O médico me disse: “eu peguei o seu coração na mão Washington, abri o seu peito, rasguei o seu peito, e enfiei a minha mão dentro de você, tirei o seu coração pra limpar ele, porque ele tava todo preto. Você tomou um tiro à queima roupa. Eu tive que limpar o seu coração e botar ele de volta”. Ele tirou o meu coração de dentro de mim, sabe o que é isso?! Limpou meu coração e botou de volta. Ele falou assim: “Eu fiz três cirurgias, e dos três você foi o único que sobreviveu”. (...) Aí você fica pensando o tanto de livramento que Deus te dá. Fiquei pensando: “Deus tem uma obra em minha vida” (pastor Washington, 2019).

Este testemunho do pastor Washington dá uma dimensão do que significa a dádiva *salvação* na vida de um ex-criminoso. O testemunho dele foi escolhido por se tratar do ex-criminoso mais emblemático convertido na Igreja Operando Deus, considerado o “mais pesado” dentre os demais que viveram a vida no tráfico. A *salvação*, como explicado anteriormente, dá-se no processo de “aceitar Jesus como Senhor e Salvador”, mas é comprovada mediante a *conversão*, o “arrependimento dos *pecados*” e a *metanoia*.¹² Neste caso, ele entrega (*dá*) a sua vida ao Senhor, *recebe* uma nova vida e, a partir daí, reparte a sua nova vida santa com os outros, *retribuindo* a Deus o “favor imerecido” (*salvação*) a partir do *serviço ao Senhor*: “a partir de hoje eu vou *aceitar ao Senhor*, e vou pregar a *Tua Palavra*, aonde eu botar a planta do pé eu vou falar do Teu Nome”.

12 Segundo Bourdieu (*apud* Darmon, 2011), a socialização familiar primária, explicada na sua teoria do *habitus*, gera produtos que são particularmente estáveis e resistentes à mudança, evocando a inércia das disposições adquiridas, o que explica o árduo empreendimento que é a conversão religiosa de um traficante. Esta seria uma “conversão radical”, segundo os termos de Bourdieu, que se caracteriza pela substituição completa de um *habitus* pelo outro, o que é designado pelo termo grego *metanoia*, termo este que também aparece em várias passagens bíblicas significando a mudança na forma de pensar e de agir, propondo um novo estilo de vida baseado na obediência às Escrituras judaico-cristãs (Garcia, 2016). Mais uma vez, não se ignoram os aspectos de contiguidade entre igreja e tráfico. Ainda assim, é importante ter em destaque a autodescrição de ruptura radical que povoa as narrativas de vida dos entrevistados, quando da descrição de sua própria conversão.

Washington admite: “Deveria estar morto. Deveria estar no inferno agora. Tanta coisa errada que fiz, quanta gente que fiz sofrer... Mas fui alcançado pela *graça*, favor imerecido do Senhor. Ele morreu pra me *salvar*... As coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo”. Quantas pessoas não desejavam a morte de Washington? Os próprios policiais, em sua narrativa, queriam-no morto. Mas ele viveu. Como se explica isso? Para alguns, sorte, acaso, destino. Para ele, só a sua fé em Jesus consegue explicar. Só o Deus que se fez homem para “dar vida em abundância” e se entregar na cruz pela *salvação* dos pecadores que “mereciam o inferno” explica sua sobrevivência. Para ele, só Jesus, por sua *salvação*, que vem pela *fé* a partir da *graça* e, conseqüentemente, a sua família da fé, a Igreja Operando Deus, lugar que frequentam outras pessoas que passaram por trajetórias de vida semelhantes à dele e, portanto, podem acolhê-lo com a empatia necessária. Esse fato explica o seu apego à *salvação* e à *agência da salvação* para reconstruir sua vida, numa nova carreira, com uma nova identidade, com um Deus que “só tem planos de bem” e “quer o melhor” para ele.

Para o pastor Daniel, pastor-presidente da Igreja Operando Deus, já acostumado com o “pastoreio de ovelhas com vidas progressas criminosas”, a diferença de se pastorear alguém que venha do mundo do crime ou da dependência química é a resiliência do pastor e da Igreja para com essa pessoa no início no processo de conversão e o não julgamento, em caso de transgressões.

Não [pode] desistir dele, independente se ele matar, se ele roubar, se ele destruir. Não desistir dele. É tratar ele... o cara comete um homicídio, ele assaltou alguma coisa ou fez alguma coisa errada. Eu não vou crucificar o cara. Mesmo a gente que tem uma dificuldade de uma coisa pequena, que é pecado, ele tem a dificuldade em outras áreas, às vezes vencer a droga, o vício... então a gente vai tentar ajudar o camarada. Tem o discipulado. Dentro de 24 horas a 48 horas, esse camarada tem que receber uma ligação. O que a gente fazia? Pelo menos na pessoa que aceitava aqui. O cara aceitou Jesus, acabou de aceitar Jesus, se ele quisesse a gente já mandava ele pra nossa casa de recuperação. Na hora. E lá dava toda a assistência que ele precisasse. Então o que acontece. A gente tem que tentar ajudar a arrumar um emprego pra ele. A gente tem que ver se esse camarada tem que se entregar pra polícia ou não. A gente vai nos aconselhamentos, porque alguns deles estão foragidos. Às vezes está indo no fórum, a gente aconselha a fazer tudo certinho e se acertar com a Justiça. Se ele for um camarada que é um gerente do tráfico de drogas. “Então entrega tudo, entrega a gerência. Entrega tudo o que você tem, se livra de tudo de errado que você tem e vem ficar limpo”.

Porque tem uma orientação pra ele. Tem um discipulador que discípula o cara. Não só pro traficante, mas pro outro também. Porque esse trabalho que a gente faz, o trabalho do discipulado, da célula, da visita, é um trabalho espiritual que funciona tanto com médico, quanto com o traficante. O que vai fazer o efeito é o tanto que a pessoa quer, que vai fazer efeito. Porque o jejum e a oração que funciona com o traficante é o mesmo que funciona pra um juiz. A diferença vai ser o nível do que eles querem (pastor Daniel, 2018).

O pastor Daniel explica que o processo de entregar o cargo no tráfico não é complicado, já que “tem muitos” querendo entrar no lugar da pessoa que está saindo, seja para ficar responsável pela venda de determinada *carga*, seja para ocupar um cargo de gerência. A parte mais complicada da situação podem ser os inimigos que essa pessoa cultivou (a partir dos homicídios que cometeu, espancamentos...) e, principalmente, os débitos com a Justiça. O pastor Washington que, nesta área, era o que “mais devia”, passou mais de 10 anos na prisão. Logo depois do episódio em que quase morreu, durante o processo de recuperação da cirurgia pela qual passara, ele fugiu do hospital e voltou para casa. Segundo ele, a sua prisão foi uma *intervenção divina* na sua vida, quando a Igreja dentro do presídio o acolheu.

Passou sete dias depois, fugi do hospital e voltei pra casa, falei: “meu Deus, eu sou um crente. Agora o que eu tenho que fazer? O diabo quer me levar pro tráfico de novo, mas eu não posso”. (...) Antes de eu pensar isso, sabe o que Deus fez? Me levou lá pra atrás das grades. Eu fui debaixo de pancada, todo costurado, apanhando, falsificação ideológica, quadrilha, tráfico de drogas, assalto, sendo acusado pela morte de um polícia, me batendo, me espancando... E Deus me colocou atrás das grades, que era para eu fazer missão atrás das grades. Comecei a buscar a Deus e a falar com Deus: “Deus, eu quero ser um mensageiro, eu quero ser um pregador da sua *Palavra*, eu quero fazer o seu *ide*”. Comecei a ler Bíblia, comecei a consagrar. (...) Teve um dia que cheguei na Igreja, quando cheguei na cadeia e o mundo dizia: “vem pra cá”. Mas a Igreja dizia: “não, vem pra cá; o mundo quer te abraçar de novo”. O Senhor veio me abraçar. Sabe o que é uma Igreja, uma Igreja em comunhão? Quando viu minha humilhação, quando viu minha humilhação, todo sangrando, o pastor falou assim: “o irmão Washington não vai fazer nada, enquanto ele não sarar. Nós vamos lavar as roupas dele, vamos cuidar dele, vamos ensinar ele. Ele não vai ter esforço nenhum aqui dentro da

Igreja. A única coisa que ele tem que fazer é jejuar, orar e ler Bíblia” (pastor Washington, 2017).

Algum tempo após ser *salvo*, Washington já começou a passar a dádiva da *salvação* adiante.

Lá no presídio, o vaso é no chão. Quando eu abaixava lá pra fazer necessidades, o sangue descia. Eu não podia nem fazer esforço, o sangue descia. Minha carne sendo maltratada. O irmão falou assim: “você sabe o que é jejum?”. Ele falou “você vai ficar sem pão e sem café”: Eu falei “misericórdia...”. Eu falei “não posso ficar sem café”. Ele falou: “se você quer ter uma vida santa, comece a jejuar”. Eu comecei a jejuar. Eles falaram “você vai ler 11 capítulos por dia”. Eu falei “Jesus”. Eu começava a ler um capítulo me dava sono, eu começava a ler um capítulo, ficava inquieto, a minha mente não encaixava. “Mas você vai ler 11 capítulos por dia”. (...) Quando eu fui ver, estava lendo livros, estava jejuando, orando, *pagando o preço*. Porque uma Igreja precisa *pagar preço*... (...) Aí Deus falou comigo: (...) o seu chamado é a *Palavra*. Eu comecei a me dedicar. Comecei a *consagrar*, orar, a ler Bíblia. Tinha dias que lia um livro por dia. Livro de Gênesis, que é 50 capítulos. E Deus começou a me preparar. (...) Deus muda a vida de um traficante? Muda! Deus muda a vida de um assaltante? Muda! (...) Com dois meses já estava pregando a *Palavra*... Eu comecei a pregar a *Palavra*, eu comecei a *evangelizar*. Aquele desejo de pregar estava no meu sangue. Comecei a ir para o corredor, a ir para a quadra e comecei a dizer o que Deus tinha feito na minha vida (pastor Washington, 2017).

Sendo traficante ou não, o mandamento do *salvo* é: “ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado” (Marcos 16:15; Mateus 28:19-20). A dádiva da *salvação* recebida não deve ser retida. *Salvo*, agora o desafio é passar a *salvação* adiante, um mandamento cujo cumprimento *retribui* tanto a Deus quanto à Igreja – *agência de salvação* – a dádiva recebida. A Igreja Operando Deus, por estar inserida no contexto da periferia, no Bairro da Penha, onde o problema da criminalidade atinge a muitos, tem estratégias tanto para alcançar pessoas comuns quanto para evangelizar os ditos “bandidos”. É comum subir às *bocas* para a realização de evangelismos e o respeito aos evangélicos por parte dos bandidos é notório, seja por possuírem parentes evangélicos ou por

conhecerem a história da pessoa que o está evangelizando, no caso de um “ex-bandido” do bairro.

Pastor Daniel: Ontem mesmo eu tava no tráfico evangelizando. Subi para orar ali em cima, no topo do morro, do monte que tem lá em cima e aproveitei e descí passando nos tráficos de droga, orando pela rapaziada. Eles param o tráfico, baixa a cabeça e curva arma. A gente para a boca. Viciado comprando droga a gente para. Ele vai comprar e descer a gente para e “pera um pouquinho, vem cá”, a gente ora, libera uma palavra. Para tudo irmão. (...) Já fizemos evangelismo aqui em mais de 50 pessoas. (...) Fica na praçinha ali, onde a gente monta às vezes os instrumentos ali e faz um louvor e vai evangelizando e consagra a praça inteira (...) o trabalho do tráfico você tem que ter muita sabedoria para trabalhar dentro dele. Mas já fizemos cultos no tráfico, onde eles param o tráfico e a gente bota os equipamentos, som e para, e a gente faz um culto pra eles também, se precisar, se eles quiserem. Mas é um trabalho que gosto de fazer.

Entrevistador: Como é a aceitação de vocês lá no meio?

Pastor Daniel: Eu era de lá né, querido. Eu tenho furo de bala que larguei desse morro. Eu tenho história aqui. A gente é respeitado aqui no bairro. A gente é referência aqui, eu era traficante aqui irmão. Os mais antigos aí, vê o que Deus fez na minha vida. Tenho traficante que traficava comigo, que hoje é membro da igreja, ovelha minha. Os moradores respeitam. As pessoas falam “meu Deus do céu, o que Deus fez na sua vida”. Então uma coisa é você sair de um lugar e ir morar em outro lugar onde ninguém conheceu a sua história. Outra coisa é quando eles viam você igual Satanás aí no morro e vendo hoje como um homem de Deus, uma família abençoada, uma pessoa de referência. Então é totalmente diferente irmão. Quando eu me converti muitas pessoas foram na igreja para ver se era verdade. O pastor falava do altar, “olha esse irmão que tá aí tá cumprimentando vocês na entrada, quando nós íamos lá no tráfico de drogas tava lá com duas .40 na mão assim, um camarada terrível, hoje tá aí assim, ó: olha só como Deus faz”. Pastor tinha orgulho de falar, então é uma referência dentro da comunidade. Você vai entrando dentro dos becos, das casas, dentro dos lugares, as pessoas param “pastor” e pedem oração. Então é uma referência no bairro. Não só eu como vários outros aqui, vários. Que foram muito mais terríveis do que eu fui.

Além de orar e *liberar* porções da *Palavra de Deus* sobre a vida dos traficantes, uma das armas mais estratégicas dos fiéis da Igreja Operando Deus para

salvar a vida dos criminosos é o *testemunho*. A igreja possui projetos evangelísticos e programas que alcançam o público do tráfico, como o “Jesus na Boca” – ideia de duplo sentido – idealizado pelo próprio pastor Daniel, que é direcionado diretamente para a *evangelização* nos pontos de tráfico (na época da entrevista, maio de 2018, o projeto se encontrava parado); o “Vitória/Flexal aos pés de Cristo” – que abrange vários pontos dos bairros, inclusive os pontos de tráfico, uma vez por semana, orando e convidando-os aos cultos, e dentro da própria programação do culto, uma série chamada “Das Cinzas para a Glória”, focado somente em testemunhos, muitos deles envolvendo fiéis com vidas peggressas na criminalidade ou na dependência química. Na narrativa do pastor Wadlei, é possível perceber a importância de testemunhar sobre quem ele agora é, já que a sua história *antiga* com o Bairro da Penha é conhecida por muitos da comunidade, inclusive os que estão no tráfico.

Mas nós vamos estar subindo o Bairro da Penha pra dar o nosso *testemunho* de lá de onde nós éramos. Lá na *boca*. Nós vamos na *boca*. Levo a *Palavra*. Essa semana eu fui atrás de um traficante que na época queria me ver morto. Fui lá atrás dele pra levar um sonho que Deus me deu aqui. E o mesmo sonho que Deus me deu, Deus deu à minha esposa, no mesmo dia. Eu deitado na cama, minha esposa deitada ali no chão, ela não é de dormir de tarde. Ela teve um sonho com ele e eu tive um sonho. Quer dizer, Deus dando um despertar pra ele. Nós vamos, nós subimos, nós vamos nos locais, nas famílias. (...) Então nós trabalhamos em cima disso, de pessoas. E o *poder de Deus* é manifestado nessas pessoas também. Porque eu creio, *varão*. Eu creio no que Deus fez comigo. Olhando aos olhos nu, aos nossos olhos assim, não era pra eu ter o que eu tenho hoje, não era nem pra eu estar onde estou hoje. (...) Então eu acredito nas pessoas, eu acredito na mudança. E a gente trabalha da mesma forma que eu queria que tivesse trabalhado em mim. Dessa forma que o Ministério Operando Deus trabalhou na minha vida. Tratando, cuidando, estando do lado. (...) Tinha *boca de fumo* que eu não podia subir porque as pessoas falavam assim: “se você subir aqui nós vamos arrancar sua cabeça”. Hoje em dia eu subo lá, prego pra eles, oro pela vida deles. Eles têm reverência. Eles estão fumando a maconha e eles abaixam, ou mesmo apaga. Tão com a pistola, eles guardam as armas e ali eles têm o temor. Eles nos tratam assim...(...) Teve uma *revelação* que foi passada. Do banho de sangue, você ficou sabendo da revelação? (...) A boca de fumo ficou parada uma semana, você já viu alguma boca de fumo ficar uma semana parada? (...) Eles ouviram o que o profeta disse. Eles têm reverência, eles têm o temor,

eles sabem quem é Deus. Ele é o Soberano, não existe outro. O que dá vida é Ele. Ele que tira você do lago do pecado, porque sem Ele não conseguimos alcançar nada. (...) Respeitam muito. A maioria deles têm parentes que são evangélicos, mães e pais... (pastor Wadlei, 2019).

Salvar a vida de um traficante, portanto, trata-se de um processo complexo. Primeiro, é preciso que a pessoa se interesse, de alguma forma, naquela vida que a grande maioria da sociedade quer morta ou, se a quer transformada, não tem a vontade, o incentivo, a coragem, o conhecimento e/ou nem a disponibilidade para tal. Depois é preciso que a pessoa tenha um conhecimento de causa ou uma vivência para saber com quem está lidando e *onde* está pisando, além de fatores anteriormente citados, como a coragem em adentrar um local no qual pode ser morto e o incentivo para fazê-lo. E, finalmente, deve-se ter a certeza de que o método do qual vai se utilizar funciona de fato e, preferencialmente, levar uma amostra. Só um traficante daquela mesma localidade que recebeu a dádiva da *salvação* consegue atender a todos esses quesitos, sendo a pessoa mais capacitada para *salvar* outro traficante do Bairro da Penha do destino da cadeia ou da morte. Ele já foi um traficante, sabe como funciona a dinâmica do tráfico local, onde ficam os principais pontos, conhece os traficantes, tem toda uma história com o bairro e o tráfico que o munem do quesito “conhecimento e vivências” para adentrar este terreno. O método é o mesmo que funcionou nele – a pregação da *Palavra da salvação* – e a amostra da eficácia do método é ele mesmo, sua vida transformada e o seu *testemunho*.¹³

Considerações finais

Entrevistador: Dos seus amigos do tráfico, do crime, onde eles estão hoje?

Pastor Wadlei: Na presença de Deus e alguns mortos. A maioria tá morto.

Entrevistador: Não tem nenhum que saiu e tá (em outra situação)...

Pastor Wadlei: Não. O último foi morto agora há pouco tempo. A maioria tá morto.

Entrevistador: A minoria tá na presença de Deus...

Pastor Wadlei: A minoria tá na presença de Deus. E outros estão presos. Porque fora isso é prisão. (...) Mas quando sair já tem a sentença dele decretada de morte, se não for pra presença de Deus.

13 Por uma questão de foco e espaço não é possível nos dedicarmos mais pormenorizadamente à circulação de testemunhos como uma das principais dádivas de ligação entre os mundos do tráfico e da igreja. Quanto ao tema, ver os trabalhos de Córtes (2012), Machado (2014) e Teixeira (2014).

A fala dos pastores é unânime: o fim da carreira no tráfico se dá com a morte – na maioria das vezes, sequer usufruindo de uma posição de destaque na hierarquia – ou com a conversão. A prisão é um caminho praticamente inevitável, independente do destino. Os pastores Wadlei e Washington tiveram várias passagens pela cadeia e lá tiveram contato com a fé evangélica pentecostal. Grupos externos de evangelismo *plantaram* Igrejas – evangelizaram presos que passaram a se reunir em culto a Jesus Cristo – dentro do presídio e, a partir do processo do discipulado com os presos, ordenaram obreiros que foram subindo as hierarquias até alguns se tornarem diáconos, presbíteros e pastores, tendo uma Igreja autônoma dentro da prisão.

Se, de acordo com a colocação dos pastores – que um dia foram somente membros comuns da Igreja –, há somente uma saída com vida do mundo da criminalidade em que estavam inseridos, fica claro que esta é, também, uma escolha racional. Primeiro, para permanecerem vivos; depois, segundo Correa e Vale (2017), porque os indivíduos pesam custos e benefícios que maximizarão seus benefícios líquidos e virão a produzir resultado social vantajoso, a partir dessa escolha. Segundo os entrevistados, os resultados são vantajosos em todas as áreas da vida, da sentimental à financeira.

Ainda assim, a ideia utilitarista de uma escolha racional como explicação central da conversão religiosa de traficantes nos parece, no mínimo, insuficiente. Daí a opção teórica anti-utilitarista (Martins, 2005) pela teoria da dádiva como foco de explicação da carreira de pastores ex-traficantes. Sem negar a dimensão interessada das trocas que tanto traficantes quanto líderes religiosos realizam entre si e com seus públicos, a noção de dádiva chama atenção também para dimensão altruísta e capaz de formação de alianças que essas trocas possuem, que a mera noção de maximização de interesses numa escolha racional não é capaz de abarcar.

A crítica anti-utilitarista inspirada na tradição de Mauss denuncia o equívoco de toda tentativa de limitar as motivações humanas apenas à moral do interesse e do egoísmo e de privilegiar a economia de mercado na instância do bem-estar social. A universalidade da tripla obrigação de dar, receber e retribuir seria anterior aos interesses contratuais e às obrigações legais, trazendo novas perspectivas para o debate teórico moderno e as implicações disciplinares em torno do social. Compreender a dádiva como sistema de trocas básico da vida social rompe com o modelo dicotômico da modernidade, que define a sociedade como “fruto de uma ação planificadora do Estado ou do movimento fluente do mercado” (*Ibidem*: 21).

O entendimento do sentido sociológico da dádiva quebra esta dicotomia para introduzir a ideia da ação social como «inter-ação», como movimento circular acionado pela força do bem (simbólico ou material) dado, recebido e retribuído, o qual interfere diretamente tanto na distribuição dos lugares dos membros do grupo social como nas modalidades de reconhecimento, inclusão e prestígio. Por ser a lógica arcaica constitutiva do vínculo social, a dádiva integra potencialmente em si as possibilidades do mercado (retenção do bem doado) e do Estado (possibilidades de redistribuição das riquezas coletivas) (*Ibidem*: 21).

Os maussianos afirmam, em suma, que o paradigma do dom deve ser visto como o paradigma primeiro ou primordial, já que o paradigma individualista (que privilegia o interesse dos produtores de bens e serviços – utilitarismo econômico) e o holista (que valoriza a regra burocrática impessoal – racionalismo burocrático) são apenas momentos do ciclo geral do dom, do simbolismo e da política em ato.

Cumprir destacar, ainda que, para Caillé, o cristianismo também se baseia em dádiva:

(...) o que é o cristianismo senão, antes de mais nada, uma história de dádiva? Como notava, com razão, Julian Pitt-Rivers (1992), é surpreendente que os etnólogos não tenham se debruçado sobre o discurso teológico, pois nele encontrariam, transpostas na simbologia cristã, as mesmas questões com as quais estão acostumados. Pois, ao longo de quase dois milênios, foi com o objetivo de determinar o que Deus dá, com que grau de gratuidade (graça), a quem, como e por que, o que se deve dar em troca, que as mentes se contorceram em toda a Europa e noutras partes (Caillé, 1998: 24).

Assim, consideramos que, mais do que disponibilizar, numa espécie de “mercado da fé”, diferentes produtos para diferentes consumidores auto-interessados, ou ainda, agir como substitutivas de um ente estatal que representaria o interesse coletivo, o que igrejas como a Operando Deus fazem é, partindo de uma espécie de dádiva vertical de salvação concedida por Deus, permitir a circulação de dádivas capazes de recriar identidades e carreiras que regulam o fluxo de experiências de vidas marcadas pelo antes, o durante e o depois de um processo de conversão religiosa. Conforme visto ao longo do artigo, essa lógica subjaz o momento anterior à conversão no mundo do tráfico, manifesta-se fortemente no contato com a salvação e busca pela conversão e, por fim, direciona a prosperidade financeira, a progressão hierárquica dentro da igreja e o trabalho de evangelização dos ex-traficantes, agora pastores. Este trabalho de evangelização,

descrito no tópico anterior, se pensado sob a ótica utilitarista de maximização de interesses, poderia direcioná-los para outros públicos, menos socialmente precarizados e situados em ambientes de menor risco. Porém, conforme tentou se mostrar neste trabalho, essa ótica conta, no máximo, apenas parte da história. Ela se insere nas obrigações de dar, receber e retribuir das dádivas, mas essas obrigações em muito a ultrapassam, apontando para outros elementos que, a nosso ver, também são fundamentais para compreendermos as dinâmicas que atravessam a criminalidade e a religiosidade nas periferias urbanas do Brasil.

Referências:

- BERTAUX, D. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. 2. ed. Natal, EDUFRN, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2001.
- CAILLÉ, Alain. Nem holismo, nem individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998.
- CORRÊA, Diogo Silva. Anjos de fuzil: uma etnografia das relações entre igreja e tráfico na Cidade de Deus. Tese de doutorado, Sociologia, IESP-UERJ, 2014.
- CORRÊA, Victor Silva; VALE, Gláucia Maria. Ação Econômica e Religião: Igrejas como Empreendimentos no Brasil. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 21, n. 1, jan./fev. 2017.
- CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença. Tese de doutorado, Ciências Sociais, Unicamp, 2012.
- COSTA, Joilson Barreto. Militância, dádiva e conversão religiosa: o caso dos presidiários evangélicos em busca da dupla salvação. Dissertação de mestrado, Sociologia, UFPE, 2005.
- DARMON, Muriel. La notion de carrière: un instrument interactionniste d'objectivation, *Politix*, n. 82, 2008/2, pp. 149-16.
- DARMON, Muriel. Sociologie de la conversion. Socialisation et transformations individuelles. In: BURTON-JEANGROS, Claudine; MAEDER, Christoph. (Org.). *Identité et transformation des modes de vie / Identität und Wandel der Lebensformen*. Zurich, Seismo, 2011, pp. 64-84.
- DA SILVA, Drance Elias. Neopentecostalismo, dinheiro, dádiva e representação social do divino. *Interações – Cultura e Comunidade*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, 2008, pp. 169-188.
- FRIGERIO, Alejandro. Teorias econômicas aplicadas ao estudo da religião: em direção a um novo paradigma? *BIB*, Rio de Janeiro, n. 50, 2. semestre de 2000, pp. 125-143.

- GARCIA, Ricardo. O Evangelho da Metanoia. *Corrigindo o Foco*. 2016. Disponível em: <<https://wilsonsandoval.com/2016/05/27/o-evangelho-da-metanoia/>>. Acesso em: 8 out. 2021.
- GRILLO, Carolina Christoph. Coisas da Vida no Crime: Tráfico e roubo em favelas cariocas. Tese de doutorado, Sociologia e Antropologia, UFRJ/IFCS, 2013.
- MACHADO, Carly. Pentecostalismo e o sofrimento do (ex-)bandido: testemunhos, mediações, modos de subjetivação e projetos de cidadania nas periferias. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, jul./dez. 2014, pp. 153-180
- MARIANO, Ricardo. Usos e limites da teoria da escolha racional na religião. *Tempo Social*, São Paulo, v. 20, n. 2, 2008, pp. 41-66.
- MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73, 2005, pp. 45-66
- MAUSS, Marcel. *Ensaio Sobre a Dádiva*. Lisboa, Edições 70, 1986.
- TAROT, C. Pistas para uma história do nascimento da graça. In: MARTINS, Paulo Henrique. *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. A construção social do “ex-bandido” um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. Dissertação de mestrado, Sociologia e Antropologia, UFRJ/IFCS, 2009.
- TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. O testemunho e a produção de valor moral: observações etnográficas sobre um centro de recuperação evangélico. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, 2016, pp. 107-134.
- VITAL DA CUNHA, Christina. “Traficantes evangélicos”: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas, *Plural*, São Paulo, v. 15, 2008, pp. 23-46.
- VITAL DA CUNHA, Christina. Da macumba às campanhas de cura e libertação: a fé dos traficantes de drogas em favelas no Rio de Janeiro. *Tomo*, São Cristóvão, n. 14, jan./jun. 2009, pp. 229-265.
- VITAL DA CUNHA, Christina. Religião e criminalidade: traficantes e evangélicos entre os anos 1980 e 2000 nas favelas cariocas. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, 2014, pp. 61-93.

Recebido em: 28/02/2020

Aprovado em: 23/05/2021

Como citar este artigo:

GOUVÊA, Gustavo Moulin e MACHADO, Igor Suzano. A dádiva da salvação: analisando a passagem do tráfico para a igreja no Bairro da Penha, em Vitória – ES. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 3, set. - dez. 2021, pp. 1133-1163

